

Lentes fractais: José Saramago e Albert Camus em face do Pós-humanismo

Flávio Emmanuel Pereira Gonzalez
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo:

Em momentos de crise, a problemática vivência do humanismo torna-se evidente, inegável. Durante o cotidiano, sob a capa da “normalidade”, é possível ignorar que os valores que norteiam a humanização não se efetivam na prática. Em nossa opinião, *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, e *La peste*, de Albert Camus, podem ser lidos como tentativas deliberadas de simbolizar a agudez da crise como veículo de tradução da necessidade do compromisso permanente com um verdadeiro humanismo. Neste ensaio, propomos que *La Peste* e *Ensaio sobre a cegueira* podem ser analisadas como fractais do mesmo mundo em momentos históricos diferentes, relacionadas com o contexto crítico pós-humanista. Fractal é uma estrutura geométrica complexa cujas propriedades, em geral, repetem-se em qualquer escala. Tomando este conceito figuradamente como apoio, defendemos ser possível analisar as cidades presentes nas aludidas obras de Albert Camus e de José Saramago como “reduções” em escala literária de objetos mais amplos: as sociedades em que tais romances foram produzidos. Os autores em foco transportaram para as urbes ficcionais criadas suas próprias referências de problematização da realidade.

Palavras-chave: Albert Camus; *La Peste*; *Ensaio sobre a cegueira*; José Saramago; Fractais; Humanismo; Pós-Humanismo.

Resumé:

En temps de crise, l'expérience problématique de l'humanisme devient évident, indéniable. Au cours de la quotidienneté, sous la voile de la «normalité», c'est possible ignorer que les valeurs qui guident l'humanisation ne se deviennent pas efficace dans la pratique. À notre avis, *L'Aveuglement*, de José Saramago, et *La peste*, d'Albert Camus, peut être lus comme des tentatives délibérées pour symboliser la netteté de la crise comme un véhicule de la traduction de la nécessité d'un engagement continu à un véritable humanisme. Dans cet essai, nous proposons que *La Peste* et *L'Aveuglement* peuvent être analysés comme des fractales du même monde dans les différents moments historiques, liés au contexte critique post-humaniste. La géométrie fractale est une structure complexe dont les propriétés généralement sont répétées à toutes les échelles. Prenant ce concept figurativement pour soutien, nous défendons soit possible d'analyser les villes présentes à des œuvres évoquées d'Albert Camus et José Saramago comme «réductions» à l'échelle littéraire de grands objets: les sociétés dans lesquelles ces romans ont été produits. Les auteurs se concentrent sur transporter vers les villes de fiction leurs propres références de problématisation de la réalité.

Mots-Clés: Albert Camus; *La Peste*; *L'Aveuglement*; José Saramago; Fractales; Humanisme; Post-Humanisme.

Les vérités de l'humanisme, la confiance en l'homme et le reste, n'ont encore qu'une vigueur des fictions, qu'une prospérité d'ombres. L'Occident était ces vérités; il n'est plus que ces fictions, que ces ombres. Aussi démuné qu'elles, ils ne lui est pas donné de les vérifier. Il les traîne, les expose, mais ne les impose plus; elles ont cessé d'être menaçantes. Aussi, ceux qui s'accrochent à l'humanisme se servent-ils d'un vocable extenué, sans support affectif, d'un vocable spectral. 1

E. M. Cioran

Ascensão da crítica pós-humanista

O excerto acima, transcrito como epígrafe, aponta para uma tônica cultural que tem alimentado muitas obras literárias ao longo da história, mas em especial no século XX. O conceito de humanismo é a base das sociedades de matriz ocidental. Esteve e está presente, por exemplo, no ordenamento jurídico da maioria das nações e supostamente como norteador da relação entre povos. Mas sua utilização teórica jamais se traduziu numa utilização efetiva plena. Por isso, a acidez do filósofo romeno Cioran (2004) contra a utilização do vocábulo *humanismo*, apontando para a necessidade de se falar em pós-humanismo, como contraponto crítico.

Em momentos de crise, essa problemática vivência do humanismo torna-se evidente, inegável. Durante o cotidiano, sob a capa da “normalidade”, é possível ignorar que os valores que norteiam a humanização não se efetivam na prática. Em nossa opinião, *Ensaio sobre a cegueira* e *La peste* podem ser lidos como tentativas deliberadas de simbolizar a agudez da crise como veículo de tradução da necessidade do compromisso permanente com um verdadeiro humanismo.

No caso de Camus e de sua obra, é evidente uma relação direta com uma ocorrência não ficcional: a expansão do nazismo durante a II Guerra Mundial como ameaça ao humanismo. A peste que dá nome ao livro é uma espécie de alegoria de uma ameaça

1. “As verdades do humanismo, a confiança no homem e o resto, têm tão-somente um vigor de ficções, uma prosperidade de sombras. O Ocidente era estas verdades; ele nada mais é que essas ficções, essas sombras. Tão privado quanto elas, ele não as verifica. Ele as arrasta, as expõe, mas não as impõe mais; elas cessaram de ser ameaçadoras. Portanto, aqueles que se apoiam no humanismo servem-se de um vocábulo extenuado, sem suporte afetivo, de um vocábulo spectral.” CIORAN, E. M. *Syllogismes de l'amertume* (Paris: Folio Essais, 2004. p. 62). (Tradução nossa).

vivida realmente. Mas, por sua vez, Saramago em seu romance não fez relação especificamente a nenhum momento da História. Essa não coincidência poderia desabonar uma percepção de continuidade entres os autores. Mas essa impressão desfaz-se quando observamos a justificativa da obra do lusitano. Exatamente por haver a ausência de uma crise no final do século XX com a magnitude e agudeza do nazismo, Saramago precisou criar uma nova peste (a cegueira branca) que descortinasse a aparência de humanidade dos dias atuais. Ou seja, a não efetividade do humanismo da época de Camus perdurou nos dias de Saramago de tal forma que este precisou empreender uma representação literária semelhante à daquele.

Obras literárias como fractais do mundo

Neste ensaio e em nossa futura dissertação de mestrado, propomos que *La Peste* e *Ensaio sobre a cegueira* podem ser analisadas como fractais do mesmo mundo em momentos históricos diferentes, relacionadas com o contexto crítico pós-humanista. Fractal é uma estrutura geométrica complexa cujas propriedades, em geral, repetem-se em qualquer escala. Tomando este conceito figuradamente como apoio, defendemos ser possível analisar as cidades presentes nas aludidas obras de Albert Camus e de José Saramago como “reduções” em escala literária de objetos mais amplos: as sociedades em que tais romances foram produzidos. Os autores em foco transportaram para as urbes ficcionais criadas suas próprias referências de problematização da realidade.

Neste sentido, tanto a Oran camusiana quanto a cidade sem nome de Saramago cumprem funções semelhantes. Ambas são espaços de abordagem da crise que os escritores vivenciaram. Nelas, os aglomerados humanos são ameaçados pelo surgimento de epidemias (de peste em uma, de cegueira em outra). A luta contra as doenças é o símbolo da necessidade de construir um humanismo efetivo. Trata-se de usar o espaço circunscrito de uma cidade como representação reduzida, fractal do mundo. Apesar de “menores” que os conjuntos dos quais são unidades, as cidades de um e de outro escritor podem ser vistas como o globo em miniatura. Nelas, vivem-se de forma semelhante

dilemas de dois momentos, nos quais as sociedades depararam-se com inescapáveis ameaças à humanização.

Ambas as obras estão amparadas na utilização de crises naturais para dar base às narrativas. Camus cria uma epidemia imaginária de peste bubônica; Saramago, por sua vez, também concebe uma epidemia, só que de cegueira. As duas ocorrências inusitadas, ao quebrarem a normalidade, provocam inevitavelmente uma percepção mais atenta sobre as realidades enfocadas, uma vez que retiram os véus que escondem constatações agudas sobre problemas encobertos. O doutor Rieux, narrador de *La Peste*, esforça-se por narrar objetivamente o que a peste expõe em relação aos seres humanos da cidade de Oran, dando espaço a personagens como Grand, Paneloux, Tarrou, Cottard e Rambert que explicitam nuances de uma problemática humanização. Já o narrador de *Ensaio sobre a cegueira* também conta como a essência corrompida da condição humana ganha contornos explícitos numa situação de calamidade pública, na qual o homem parece mostrar que seu estado instintivo nunca esteve totalmente delimitado pela civilização. O escritor português aborda a problemática sem nem mesmo dar nomes a seus personagens (mulher do médico, rapariga dos óculos escuros, velho da venda preta, por exemplo), num sinal de que cabe aos “anônimos” a tarefa da verdadeira humanização.

Para ambos os autores, só uma ocorrência inescapável para a coletividade é capaz de quebrar os automatismos que permitem vivenciar a aparência do humanismo como a sua efetividade. Para eles, seria preciso que os homens adoecessem para perceber que estão doentes, que cegassem para perceber o que não veem de fato.

Neste sentido, podemos afirmar que suas histórias ficcionais são como lentes fractais. Elas são experiências de representação, em escala reduzida, de realidades mais amplas. Como num fractal, seriam representações reduzidas (cacos) de estruturas mais complexas, mais que as repetem identicamente, só que em escalas menores. Tanto a cidade de Oran de *La Peste* quanto a sociedade não denominada de *Ensaio sobre a cegueira* são representações aparentemente apenas circunscritas. Apesar de locais, elas representam as problemáticas vividas globalmente. São cacos, mas que expõem em si o esfacelamento da normalidade do todo, do real. Ao olharmos através desses cacos, para onde os miremos, temos a impressão de ampliar nossa capacidade de ver além.

Nas epígrafes de ambas as obras, podemos ver que intencionalmente as estórias são representações fractais do real. Camus transcreve uma frase de Daniel Defoe, vertida ao francês por ele mesmo, onde lemos que “é tão válido representar um modo de aprisionamento por outro quanto representar qualquer coisa que de fato existe por alguma coisa que não existe.”² A frase deixa claro que o que o leitor encontrará nas páginas de *La Peste* são símbolos de coisas reais e mais amplas como o aniquilamento dos direitos humanos e a colaboração indireta dos que simplesmente fecham os olhos às injustiças. Já em *Ensaio sobre a cegueira* lemos uma citação supostamente retirada do Livro dos Conselhos: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Trata-se de um explícito convite para enxergar no romance o que ele expõe da realidade.

As observações podem ser ainda mais agudas se levarmos em consideração que muitas problemáticas tratadas nas duas obras repetem-se ainda hoje, não obstante mudanças históricas significativas. Por exemplo, o recente caos social gerado pela greve da Polícia Militar de Pernambuco, com ondas de saques perpetradas por cidadãos comuns, antes ordeiros, a lojas de produtos eletroeletrônicos, demonstra muito bem que há uma frágil delimitação da barbárie encoberta por uma aparente humanização civilizatória.

A distância entre teoria e prática da humanização ainda parece muito larga. Camus ficcionalizou uma experiência concreta: a necessária resistência humanista contra a ascensão do regime nazifacista. Saramago, por sua vez, aborda um mundo onde o regime democrático parece se consolidar como principal modelo, mas que, não obstante, não se constitui de fato como humanizador. Em outras palavras, um e outro autor abordam momentos de uma problemática vivência dos valores humanistas ocidentais.

Dessa forma, *La Peste* e *Ensaio sobre a cegueira* parecem dialogar com o pensamento pós-humanista desenvolvido por filósofos como Emil Cioran e Peter Sloterdijk. Ao mesmo tempo que as duas obras literárias apontam para uma crise de esvaziamento da humanização na prática cotidiana de homens e mulheres, elas também são uma defesa de um comprometimento que impeça o humanismo de ser “um vocábulo extenuado, sem suporte afetivo, um vocábulo espectral” (CIORAN, 1987, p. 62) . Personagens

2. “Il est aussi raisonnable de représenter une espèce d'emprisonnement par une autre que de représenter n'importe quelle chose qui existe réellement par quelque chose qui n'existe pas.” (Tradução nossa).

como Rieux, Tarrou, a mulher do médico ou a rapariga dos óculos escuros são seres fictícios que lutam por uma percepção coletiva que dê sentido de prática efetiva ao vocábulo humanismo.

Outro fato significativo entre as obras é que ambas são romances que negam de certa maneira o gênero a que pertencem. O narrador de *La peste* deixa claro que pretende escrever uma crônica dos fatos acontecidos em Oran. Já o autor português nega o caráter de romance de sua obra já no título, demonstrando pretender ter constituído um ensaio sobre as problemáticas que abordou. A nosso ver essa deliberada alternativa dos autores demonstra uma postura metanarrativa de problematizar a própria capacidade da literatura de ficção em funcionar como ferramenta de mudança do mundo.

Isso nos leva às inquietações com as quais trabalharemos em nossa dissertação de mestrado e que têm nos guiado em nosso percurso teórico. Apresentamos algumas à guisa de exemplo:

- Pode efetivamente a literatura ser uma espécie de fractal do que pretende representar?
- Como voltar a dar sentido à palavra “humanismo”?
- Qual o possível lugar da literatura como meio de humanização no atual contexto do pós-humanismo?
- Esse possível “novo” lugar da literatura nos levaria forçosamente a ler de outra forma obras como *Ensaio sobre a cegueira* e *La Peste*? Que nova leitura seria essa?

Crítica pós-humanista e reumanização

Gilles Deleuze inicia sua *Présentation de Sacher-Masoch: le froid et le cruel* com uma pergunta, também basilar para nosso estudo: “Para que serve a literatura?” (DELEUZE, 1967, p. 15). Seguindo o seu raciocínio, chega à seguinte constatação que, logo após, servirá de base para uma determinada conclusão, cara a qualquer análise de obra literária: “Quando um médico dá seu nome a uma doença, há aí um ato, ao mesmo tempo, linguístico e semiológico muito importante, na medida em que tal ato liga um nome próprio a um conjunto de sinais, ou faz com que um nome próprio conote sinais.” (DELEUZE, 1967, p.

16)³. Baseado em tal percepção, ele compõe uma inferência sobre Sade e Sacher-Masoch, mas que *mutatis mutandi*, poderia muito bem ser aplicada a outros escritores notáveis pela capacidade de traduzir através da literatura uma “sintomatologia” de seu tempo:

Sade et Masoch são, nesse sentido, grandes médicos clínicos? [...] Não resta dúvida de que Sade e Masoch nos apresentam quadros de sintomas e sinais inegáveis. Em qualquer hipótese, “doentes” ou médicos clínicos, e os dois ao mesmo tempo, Sade e Masoch também são grandes “antropólogos”, à maneira daqueles que sabem apreender em suas obras toda uma concepção do homem, da cultura e da natureza – grandes artistas, à maneira daqueles que sabem extrair novas formas e criar novas maneiras de sentir e pensar, toda uma nova linguagem. (DELEUZE, 1967, p. 16, tradução nossa).⁴

Gilles Deleuze demonstra bem a capacidade de a literatura representar “verdades” sensíveis do ser humano através da análise das obras de Sacher-Masoch e Sade. Se outros ramos do saber tomam a literatura para demonstrar sua capacidade de representação, por que seria menos legítimo à teoria da literatura raciocinar sobre tal capacidade? A psicanálise dota a literatura de uma função prática: estar a serviço de uma terapêutica. A literatura pode ela mesma dotar-se de uma função própria? São perguntas que nos animam na composição de nossa dissertação de mestrado e também aqui neste ensaio.

Um dos caminhos possíveis para que a crítica pós-humanista aponte para um reumanizar é a desconstrução do sistema binário em que estava baseado o velho humanismo, à maneira do que Derrida (1995) fez por meio de seu conceito de *différence*. Trata-se de adotar uma postura de remodelamento do caráter antes absoluto de oposições binárias como humano X desumano; racional X irracional; individual X coletivo; sanidade x enfermidade; dor X cura; corpo X pensamento; bem X mal; civilização X barbárie. Neste contexto de *différence*, significados absolutos são relativizados de tal

3. “Quand un médecin donne son nom à une maladie, il y là un acte à la foi linguistique et sémiologique très important, dans la mesure où cet acte lie un nom propre et un ensemble de signes, ou fait qu’un nom propre connote de signes”. (Tradução nossa).

4. “Sade et Masoch sont-ils, en ce sens, des grands cliniciens? [...] Il n’en reste pas moins que Sade e Masoch nous présentent des tableaux de symptômes et de signes inégalables. [...] En tous cas, « malades » ou cliniciens, et les deux à la fois, Sade et Masoch sont aussi des grands anthropologues, à la manière de ceux qui savent engager dans leur oeuvre toute une conception de l’homme, de la culture et de la nature – de grands artistes, à la manière de ceux qui savent extraire de nouvelles formes, et créer de nouvelles manières de sentir et de penser, tout un nouveau langage.” (Tradução nossa).

forma, que tais oposições binárias são desconstruídas, sendo possível apenas interpretá-las como paradoxos, num complexo jogo de relativismo. Assim, onde supostamente só haveria civilização, sanidade, razão, deve haver paradoxalmente indícios de barbárie, enfermidade, e emoção.

A nosso ver, através de uma leitura derridiana, percebemos que *La Peste* e *Ensaio sobre a cegueira* exemplificam literariamente essa desconstrução de oposições binárias, uma vez que demonstram claramente, para nos atermos a apenas um dos aspectos neste sentido, que a humanidade abriga-se em paradoxos – não vive apenas um processo de civilidade, pois o caráter da barbárie ainda existe sub-repticiamente nas sociedades homínias, pois a suposta saúde oculta enfermidade, daí a escolha dos autores pelo uso de epidemias como gatilho da desconstrução. Nesse sentido, Camus e Saramago, ao invocarem o caráter de doença a afetar a sociedade, convocam a dor como índice, lembrando-nos certa consideração de João Barrento no ensaio *Receituário da dor para uso pós-moderno* (2006, p. 18, grifo nosso): “[...] a nossa pós-modernidade literária e artística cria espaços em que a dor é, não excluída, não travestida nem espectralizada, mas serenamente convocada: e a arte mostra então como ela é uma parcela inalienável da condição humana.”

Camus e Saramago demonstram bem que um caminho de reconstrução pós-humanista em direção a uma efetiva humanização passa necessariamente pela dor de se perceber que o paradoxo é sempre uma possibilidade, não devendo se ignorar (“travestir”, “espectralizar”) o caráter indicial dessa dor. Ela precisa ser convocada à consciência, dada a sua inalienabilidade – estar vivo implica em viver paradoxos. Já que somos capazes do melhor, mas também do pior, negar que a vivência como seres humanos remete ao exercício de contradições nos tornaria cegos. Como se lê ao final d*Ensaio sobre a cegueira*, seríamos, assim, “Cegos que, vendo, não veem” (SARAMAGO, 1995, p. 310). No nosso entendimento, essa foi uma das grandes ilusões solapas do humanismo: a crença de que a civilização apagaria nossos paradoxos.

Falar em dor inescapável faz-nos retornar necessariamente à nossa materialidade biológica, ao fato de habitarmos um corpo que fatalmente adoecerá e perecerá, percepção que nos traz de volta à condição compartilhada com todas demais espécies.

Por mais que haja uma diferenciação do humano, paradoxalmente, nos aproximamos dos demais seres, já que nossa razão nos dota da capacidade de racionarmos e inferirmos sobre a inafastabilidade da condição de ser biológico perecível. Ao ficcionalizar doenças em âmbito coletivo, Camus e Saramago tornam ainda mais aguda essa consciência de perecibilidade biológica compartilhada. Essa inferência nos aproxima da concepção de “corpo rodeado” abordada por Gonçalo M. Tavares em *Atlas do Corpo e da Imaginação* (2013, p. 189):

[...] pensar, sofrer ou amar implicam um corpo rodeado. E não só, implicam também um corpo que rodeia. E se podemos definir o corpo como algo que rodeia e é rodeado, portanto um corpo espacial, influenciado e influenciando o espaço, também podemos e devemos pensar num corpo que rodeia e é rodeado pelo tempo [...]

No nosso entendimento, abordar em ficção doenças que acometem corpos no coletivo aponta para uma intensificação do conceito de solidariedade, pois aquele que percebe que adocece ao lado de outros que também adoecem é levado necessariamente a perceber não só a si mesmo, mas também ao outro. Trata-se de um alerta ficcional, fruto da capacidade de o escritor literário perceber-se doente como seus congêneres humanos, mas transcender tal condição de enfermidade por agir, concomitante e paradoxalmente, como o médico clínico que demonstra a condição compartilhada de enfermo. Assim, a doença que nos afeta coletivamente nos faz percebermos afetados pelo outro e afetantes do outro. Retomando ainda a lição de Gonçalo M. Tavares (2013, p. 196): “Eu caracterizo o Outro. O Outro caracteriza-me. Valéry, num diferente contexto, escreveu ‘os outros fazem-nos pensar irrefutavelmente em nós’”.

Dessa forma, a afetação mútua proporciona a transformação de “eles” em “nós”, como bem atesta Richard Rorty em *Contingência, ironia e solidariedade*:

A maneira certa de acolhermos o lema “temos obrigações para com os seres humanos simplesmente como tais” é vê-lo como um meio de nos lembrarmos de continuar procurando expandir ao máximo nosso sentimento de “nós”. [...] Esse é um processo que devemos tentar manter em andamento. Devemos estar atentos às pessoas marginalizadas – às pessoas em quem ainda pensamos como “eles”, em vez de “nós”. Devemos tentar observar nossas semelhanças com elas. (RORTY, 2007, p. 322)

A arte, em geral, e a literatura, em particular, são capazes de nos lançar na construção do “nós” por meio da desconstrução do “eles”. Trata-se de uma verdadeira desconstrução derridiana de uma oposição binária que escamoteia precariamente um paradoxo. Pensando sobre a “partilha do sensível”, conceito-chave para o pensamento de Rancière, vemos que a literatura pode ser exercida de modo a ter papel na compreensão do mundo e de suas contradições. Nesse sentido, vemos que Camus e Saramago foram capazes de empreender uma verdadeira “partilha do sensível”, pois optaram por escrever sobre o sistema humanista que sentiam ruir, agindo como doentes travestidos de médicos clínicos, remetendo-nos a certa consideração de Rancière:

O real precisa ser ficcionado para ser pensado. [...] Não se trata de dizer que tudo é ficção. Trata-se de constatar que a ficção da era estética definiu modelos de conexão entre apresentação dos fatos e formas de inteligibilidade que tornam indefinida a fronteira entre razão dos fatos e razão da ficção, e que esses modos de conexão foram retomados pelos historiadores e analistas da realidade social. Escrever história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade. Isso não tem nada a ver com nenhuma tese de realidade ou irrealidade das coisas. [...] Reencontramos aqui a outra questão que se refere à relação entre literalidade e historicidade. *Os enunciados políticos ou literários fazem efeito no real. Definem modelos de palavra ou de ação, mas também regimes de intensidade sensível. Traçam mapas do visível, trajetórias entre o visível e o dizível, relações entre modos do ser, modos do fazer e modos do dizer.* (RANCIÈRE, 2005, p. 58; 59, grifos nossos).

Nesse sentido, podemos perceber uma confluência entre as obras de Camus e Saramago e o pensamento de Rancière, por perceberem a literatura como um exercício dos que, doentes, não apenas sofrem as contradições do mundo, mas se esforçam por serem “antropólogos”, médicos clínicos de tais contradições. Dessa forma, coadunam-se com a percepção de Rancière de que “O homem é um animal político porque é um animal literário, que se deixa desviar de sua destinação ‘natural’ pelo poder das palavras.” (RANCIÈRE, 2005, p. 59-60).

No nosso entendimento, a construção de uma efetiva humanização carregada por uma crítica pós-humanista implica em abraçar, sem medo, a condição paradoxal do humano – do doente que também pode ser médico de si e do outro –, atitude tão bem problematizada na literatura em geral e, em particular, em *La Peste* e *Ensaio sobre a cegueira*. Ao agir

assim, aquele que escreve literariamente atinge a condição de empreendedor de saúde, aludida por Gilles Deleuze em *Crítica e Clínica*:

O escritor [...] não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é o conjunto dos sintomas cuja doença se confunde com o homem. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro [...], mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis, cuja passagem o esgota [...]. (DELEUZE, 1997, p. 13-14):

Referências

- BARRENTO, João. Receituário da dor para uso pós-moderno. In: _____. *O arco da palavra: ensaios*. São Paulo: Escrituras, 2006. p. 11-18.
- CAMUS, Albert. *La peste*. Saint-Amand (Cher), França: Gallimard, 1947.
- CIORAN, E. M. *Syllogismes de l'amertume*. Paris: Folio Essais, 2004.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Présentation de Sacher-Masoch: le froid et le cruel*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1967.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Castro Netto. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens*. Alfragide, Portugal: Editorial Caminho, 2013.